

JOÃO CABRAL DE MELO NETO
EM POSTAIS





O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição

**JOÃO CABRAL
DE MELO NETO
EM POSTAIS**

Coordenação de
Cerimonial,
Eventos e Cultura
Centro Cultural

Diretoria Executiva de
Comunicação e
Mídias Digitais



Onde cabe um verso severino? Onde convém a arquitetura poética de João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999)? Em todo lugar e, distinta e preferencialmente, nesta Casa de todos os brasileiros!

O criador de obras-primas como *O engenheiro*, *Paisagens com figuras*, *Quaderna*, *A educação pela pedra*, *Museu de tudo* e *A escola das facas* enobrece a cultura brasileira.

Membro da **Academia Brasileira de Letras**, com importantes prêmios literários nacionais e internacionais, considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, João Cabral merece ser cada vez mais lido e celebrado.

Contrário ao sentimentalismo romântico subjetivo, João Cabral propôs uma obra cerebral e de estética apurada, tendo conseguido consumir um projeto literário admiravelmente coeso, sistemático e grandioso, de elevadíssimo **domínio técnico** e **consciência formal**. Tanto em sua experiência inicial surrealista quanto na poesia popular, nos textos metalinguísticos e nos voos mais filosóficos, ele sempre se mostrou preocupado em trabalhar exaustivamente a linguagem.

O escritor é mais conhecido por seus poemas de cunho **regionalista** e de denúncia social, como *Morte e vida severina* — *Auto de Natal pernambucano* e *O cão sem plumas*, nos quais enfatizou a aridez do Nordeste, a escassez de recursos, a vida repleta de morte dos retirantes, a lama e a pobreza nos rios do Recife, a fome, a exploração. Mas o poeta e ensaísta — que, como **diplomata**, morou em vários países — também escreveu sobre a Espanha, o Chile, o Equador, o Senegal...

Aqui apresentamos aspectos importantes de sua vida e obra, com textos ilustrados por colagens, fotos e pinturas em aquarela. Procuramos pinçar, para os cartões-postais e para a exposição, trechos de **poemas representativos da obra cabralina** (dentre

tantos longos e belos poemas que o autor construiu mediante um jogo rigoroso de imagens-palavras, com exímia elaboração estética). A ideia é que nossa seleção possa soar como convite ou aperitivo, como súplica ou conselho: “Leia mais João Cabral de Melo Neto! Desfrute de sua obra!”.

Bastante nos valem, para as legendas, dos comentários críticos de **Antonio Carlos Secchin** sobre a obra do poeta, reunidos nos livros *João Cabral de ponta a ponta* e *Poesia completa* — *João Cabral de Melo Neto*.

Além deste catálogo, há dentro da caixinha 13 cartões-postais avulsos, que podem ser colecionados ou enviados pelos correios. A ideia é que os versos do poeta-engenheiro alcancem e emocionem muitos cidadãos.

— **Maria Amélia Elói, curadora**



**Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.**

– Trecho de *Tecendo a manhã*



“

Ela [a poesia de João Cabral] trata as palavras como se fossem coisas e organiza essas coisas de tal maneira como se fossem conceitos.”

— Antonio Candido, sociólogo e crítico literário





João Cabral de Melo Neto nasce em Recife/PE em 9 de janeiro de **1920**. Vive até os dez anos em **engenhos de açúcar** da família, nos municípios pernambucanos de São Lourenço da Mata e de Moreno.

Em **1930**, volta para Recife com a família. Faz os cursos primário e secundário no Colégio dos Irmãos Maristas.

Tem outros parentes ilustres. É primo, pelo lado paterno, do poeta **Manuel Bandeira** (Recife, 1886 — Rio de Janeiro, 1968), e, pelo lado materno, do sociólogo Gilberto Freyre (Recife, 1900 — 1987). É irmão do historiador Evaldo Cabral de Mello (Recife, 1936).

Em **1938**, frequenta o **Café Lafayette**, ponto de encontro de intelectuais que residiam em Recife.



Em **1940**, viaja com a família ao Rio de Janeiro, onde João Cabral conhece o poeta Murilo Mendes, que o apresenta ao poeta Carlos Drummond de Andrade e ao círculo de intelectuais que se reunia no consultório do poeta e médico Jorge de Lima.

Em **1945**, faz concurso para a **carreira diplomática**, para a qual é nomeado em dezembro. Daí por diante, já enquadrado no Itamaraty, inicia a peregrinação por diversos países, incluindo a República do Senegal, na África.



Muda-se definitivamente para o Rio no fim de **1942**, ano em que publica seu primeiro livro de poemas, *Pedra do sono*.

Em **1946**, casa-se com Stella Maris Barbosa de Oliveira, no Rio de Janeiro. O casal tem cinco filhos.





Em Barcelona, Espanha, adquire uma pequena tipografia artesanal, com a qual publica livros de poetas brasileiros e espanhóis. Em **1949**, conhece o pintor e escultor **Joan Miró**, cujo estúdio frequenta, escrevendo ensaio sobre ele, publicado com as primeiras xilogravuras do artista surrealista.

Em **1952**, é convocado a voltar ao Brasil para responder a inquérito sob a acusação de integrar uma célula comunista. Em **1953**, o inquérito policial é arquivado.

Em **1965**, o Teatro da Universidade Católica de São Paulo encena *Morte e vida severina*, musicado pelo compositor Chico Buarque de Holanda. Em **1966**, o auto é apresentado em várias cidades brasileiras, e depois no Festival de Nancy, em Paris, e nas cidades portuguesas de Lisboa, Coimbra e Porto.

É eleito membro da Academia Brasileira de Letras em **1968**, na vaga do jornalista Assis Chateaubriand, e toma **posse em 1969**.



A atividade literária acompanha-o durante todos esses anos no exterior e no Brasil e lhe rende vários **prêmios**, entre os quais: Prêmio José de Anchieta, de poesia, do IV Centenário de São Paulo (1954); Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras (1955); Prêmio de Poesia do Instituto Nacional do Livro e Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (1966), com *A educação pela pedra*; Prêmio Juca Pato da União Brasileira de Escritores, pelo livro *Crime na Calle Relator* (1987); e Prêmio Bienal Nestlé de Literatura (1988), pelo conjunto da obra.

Em **1984** é designado para o posto de cônsul-geral na cidade do Porto (Portugal). Em **1986**, fica viúvo e casa-se com a poeta Marly de Oliveira. Em **1987** volta a residir no Rio de Janeiro. Em **1990** João Cabral se aposenta no posto de embaixador e recebe, em Lisboa, o Prêmio Camões, concedido conjuntamente pelos governos de Portugal e do Brasil.

Os “**Cadernos de Literatura Brasileira**”, publicação editada pelo Instituto Moreira Salles, dedicam seu Número I, em março de **1996**, ao poeta pernambucano, com selecionada colaboração de escritores brasileiros, portugueses e espanhóis e abundante material iconográfico.

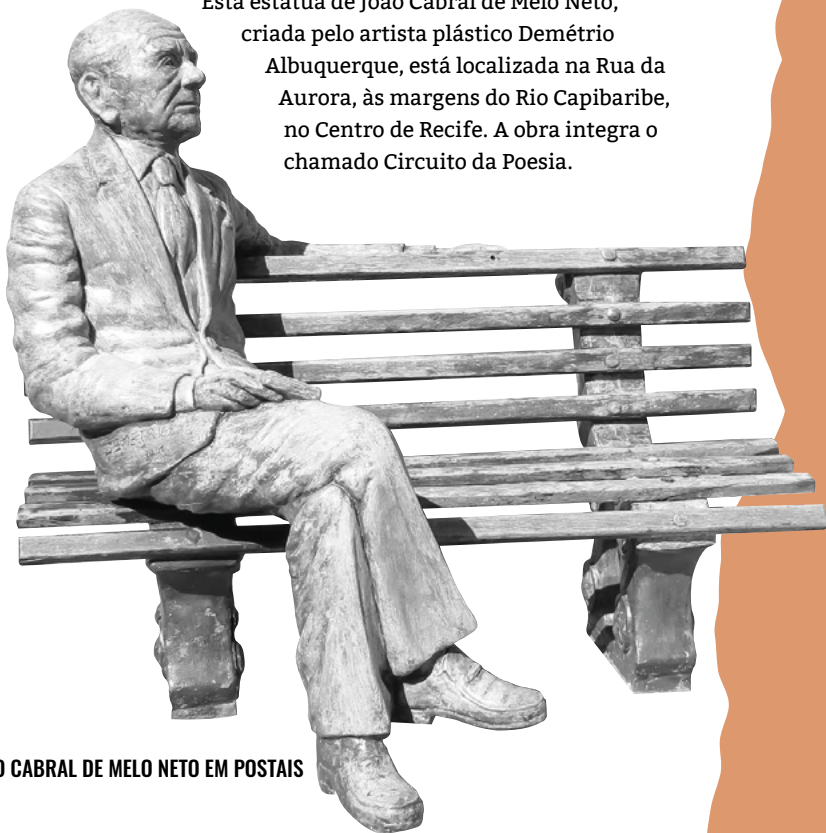


João Cabral falece em 9 de outubro de **1999**, no Rio de Janeiro, aos 79 anos.

Fonte: NETO, João Cabral de Melo. *Poesia completa*. Organização Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2020.

Perdemos Manuel Bandeira e vindes, Sr. João Cabral de Melo Neto, preencher esse claro com um nome da mesma grandeza. (...) Apareceste com uma poética diferente que se singularizou, como uma aventura, por suas novas formas. Era modernidade e estilo próprio, tudo marcado pela originalidade que é uma aproximação do gênio e sobressaindo pela qualidade artística, pela seriedade e pela significação dos temas.” — José Américo de Almeida, romancista e ensaísta, no discurso de recepção a João Cabral na Academia Brasileira de Letras, em 6/5/1969

Esta estátua de João Cabral de Melo Neto, criada pelo artista plástico Demétrio Albuquerque, está localizada na Rua da Aurora, às margens do Rio Capibaribe, no Centro de Recife. A obra integra o chamado Circuito da Poesia.



podeis aprender que o homem é sempre a melhor medida. Mais: que a medida do homem não é a morte mas a vida.

– Trecho de *Pregão turístico do Recife*



Livros de poesia, antologias e obras reunidas de João Cabral

Pedra do sono (1942)

Os três mal-amados (1943)

O engenheiro (1945)

Psicologia da composição com a Fábula de Anfiou e Antiope (1947)

O cão sem plumas (1950)

Poemas reunidos (1954)

O Rio ou Relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife (1954)

Duas águas (1956)

Quaderna (1960)

Dois parlamentos (1961)

Terceira feira (1961)

Antologia poética (1965)

Morte e vida severina e outros poemas em voz alta (1966)

A educação pela pedra (1966)

Funeral de um lavrador (1967)

Poesias completas (1968)

Museu de tudo (1975)

A escola das facas (1980)

Poesia crítica (1982)

Auto do frade (1984)

Agrestes (1985)

Crime na Calle Relator (1987)

Sevilha andando (1989)

Primeiros poemas (1990)

Poesia completa e prosa (2008)

“


Mudou profundamente não só a poesia, mas a cultura brasileira.”
— João Alexandre Barbosa, professor e crítico literário

“

Na sua geração, não tem quem o iguale, mesmo em dimensão universal.”
— Augusto de Campos, poeta e tradutor


“

Foi um homem contraditório, como todos somos. A diferença é que soube arrancar dessa ambiguidade uma poesia genial.”
— José Castello, escritor e crítico literário



**O papel nem sempre
é branco como
a primeira manhã.**

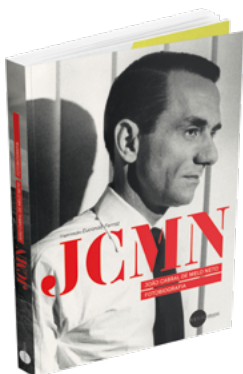
**É muitas vezes
o pardo e pobre
papel de embrulho;**



**é de outras vezes
de carta aérea,
leve de nuvem.**

**Mas é no papel,
no branco asséptico,
que o verso rebenta.**

– Trecho de *O poema*



Por ocasião do centenário de nascimento de JCMN, foram publicados livros importantes sobre sua vida e obra, como:

– **João Cabral de Melo Neto - Fotobiografia**

(com organização de Eucanaã Ferraz e edição de Valéria Lamego, publicado pela editora Verso Brasil em 2021);

– **Poesia completa / João Cabral de Melo Neto** (com organização, prefácio e notas de Antonio Carlos Secchin e colaboração de Edneia Ribeiro, publicado pela editora Alfaguara em 2020);



– **João Cabral de ponta a ponta** (de Antonio Carlos Secchin, publicado pela Cepe Editora em 2020).



Antonio Carlos Secchin, considerado pelo próprio João Cabral o maior especialista na sua obra, escreveu o seguinte poema em homenagem a seu amigo:

A um poeta

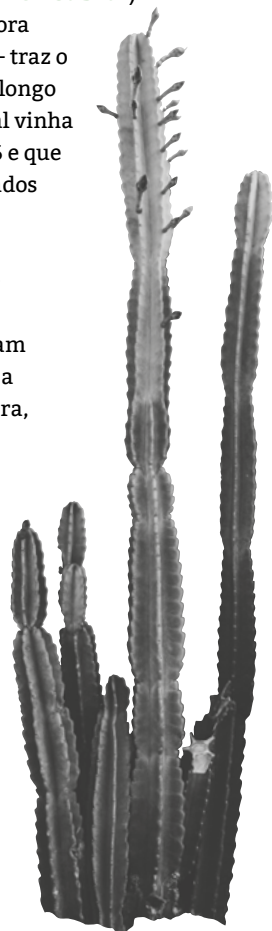
Há poemas que transportam
num tapete rente ao chão.
Poemas menos que escritos,
bordados, talvez, a mão.
Outros há, mais indomados,
que são contra e através,
coisa arisca e tortuosa,
versos quebrados pelos pés.
São poemas muito impuros,
onde não vale a demão.
Deles brotam versos duros,
poemas para ferro e João.



O livro *João Cabral de Melo Neto: Notas sobre uma possível A casa de farinha* — organizado pela **filha do poeta** (a escritora, cineasta e tradutora **Inez Cabral**) e publicado pela editora Alaguara em 2013 — traz o planejamento de um longo poema que João Cabral vinha escrevendo desde 1966 e que entregou à filha em meados dos anos 1980.

A **cegueira** impediu o poeta de terminar o trabalho, mas as páginas cuidadosamente guardadas em um fichário escolar traziam os **esboços** dos diálogos iniciais. A edição publicada traz a reprodução fac-similar de manuscritos e anotações da obra, atestando a **pesquisa minuciosa** que o poeta fazia (do tema, do vocabulário, da sonoridade das palavras, da estrutura do texto, dos personagens) antes de executar os versos. No livro também há um ensaio assinado pelo poeta e escritor Armando Freitas e outro escrito pelo jornalista Luís Pimentel, além do prefácio de Inez Cabral.

Em seu texto, a filha do poeta relata as circunstâncias de seu acesso ao material e o fato do pai ter lhe dado carta branca para uma possível **publicação póstuma** da obra. Explicou Inez: “João Cabral tinha fé absoluta na importância vital do trabalho para conseguir escrever o que a inspira-



ção lhe ditava, o que confere a estes rascunhos, fichas e pesquisas a importância de vermos funcionar a criatividade do poeta e os meandros por ele percorridos para chegar à obra pronta”.

Armando Freitas destaca que o livro *A casa de farinha* estava sendo estruturado em forma de auto, com um ato só, não por meio de cenas, mas de *rounds*, para trazer um clima de confronto entre as partes. Assim como *Morte e vida severina*, teria o peso dramático da crítica social, com forte oralidade.





Só duas coisas conseguiram
(des)feri-lo até a poesia:
o Pernambuco de onde veio
e o aonde foi, a Andaluzia.
Um, o vacinou do falar rico
e deu-lhe a outra, fêmea e viva,
desafio demente: em verso
dar a ver Sertão e Sevilha.

– Autocrítica

No livro **memorialista** *A literatura como turismo*, publicado pela Editora Alfaguara em 2016, Inez Cabral entrelaça poemas do pai (escritos na Espanha, no Equador e na Guiné, entre outros lugares onde a família passou ou morou) a relatos que revelam ao leitor aspectos cotidianos da vida de João Cabral.

Em seus versos, o poeta cantou **Sevilha, Marseilha, Londres, Dacar e os Andes**, por exemplo, mas **sem abandonar seu amor por sua terra natal**. “Se eu não tivesse sido diplomata, minha literatura teria sido completamente diferente” — afirmou João Cabral. “Eu tenho o dom de línguas no sentido de que aprendo uma língua com muita facilidade, mas minha pronúncia em todas elas é pernambucana.”



**As cidades se parecem
nas pedras do calçamento
das ruas artérias regando
faces de vário cimento,**

**por onde iguais procissões
do trabalho, sem andor,
vão levar o seu produto
aos mercados do suor.**

**Todas lembravam o Recife,
este em todas se situa,
em todas em que é um crime
para o povo estar na rua,**

**em todas em que esse crime,
traço comum que surpreendo,
pôs nódoas de vida humana
nas pedras do pavimento.**

– Trecho do poema *Volta a Pernambuco*



João Cabral de Melo Neto pertence cronologicamente à terceira geração modernista, mas sua obra está **na contramão** da maior parte dos escritores **da Geração de 1945**.

O poeta **rejeitou** o tom de confissão, os versos subjetivos e a **“intuição” poética**. Não foi um continuador estético e ideológico da poesia de 1922. Inventou uma poesia singular e diferenciada.

“Eu sou um poeta artificial, eu não sou um poeta romântico, eu não tenho nada espontâneo.” (JCMN)

A poesia cabralina apresenta-se quase **isolada em nosso panorama literário**, não existindo uma linhagem na qual ela possa se inscrever. Talvez se aproxime da expressão (também objetiva e sem floreios, só que na prosa) de **Graciliano Ramos**, autor do romance *Vidas secas*.



Catar feijão se limita com escrever: jogam-se os grãos na água do alguidar e as palavras na da folha de papel; e depois, joga-se fora o que boiar. Certo, toda palavra boiará no papel, água congelada, por chumbo seu verbo: pois, para catar esse feijão, soprar nele, e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco: o de que entre os grãos pesados entre um grão qualquer, pedra ou indigesto, um grão imastigável, de quebrar dente. Certo, não quando ao catar palavras: a pedra dá à frase seu grão mais vivo: obstrui a leitura fluviante, flutual, açula a atenção, isca-a com o risco.

– *Catar feijão*



**A cabra deu ao nordestino
esse esqueleto mais de dentro:
o aço do osso, que resiste
quando o osso perde seu cimento.**

– Trecho de *Poema(s) da cabra*



JCMN adotou uma postura de reflexão crítica e grande rigor formal. Trata-se de uma poesia interessada em ver e mostrar o mundo por meio de **imagens, sem sentimentalismo**. Trabalhou intensamente as palavras, colocando-as num estado permanente de tensão.

Com a publicação de *O cão sem plumas* (1950) — que descreve a realidade da sujeira e da miséria no Rio Capibaribe, o qual corta a cidade de Recife —, as **temáticas sociais** passaram a se tornar bastante presentes na obra de João Cabral, mas num discurso nunca panfletário ou demagógico.

O poeta escreveu esse livro após ler numa revista a notícia de que a expectativa de vida em Pernambuco era de apenas 28 anos (a idade que ele tinha na época). Nesse período, o poeta morava em Barcelona.





**Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;**

**onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.**

**Difícil é saber
se aquele homem
já não está
mais alguém do homem**

– Trecho de *O cão sem plumas*

“ Com sua memória firmemente enraizada em seu Pernambuco natal, ele descreveu com uma obsessão absolutamente detalhista as paisagens de sua região e o modo como esta moldava os seres humanos.”
— Nelson Ascher, poeta e editor

O **sertão** nordestino, as cidades de **Olinda** e de **Recife**, seus **mares**, seus casarões, as pontes, os **rios** Beberibe e Capibaribe, os canaviais da **zona da mata pernambucana**, o engenho, a vegetação da **caatinga**, os **cemitérios**... Tudo isso é cantado pelo poeta.

A miséria, a violência e a exclusão aparecem nas composições de JCMN de forma objetiva, estimulando **indagações sobre a condição humana e a desumanização** causada pela lógica exploratória do dinheiro e do lucro.

“O poeta ou outro escritor qualquer, de um país subdesenvolvido como o Brasil, não pode desprezar a realidade dolorosa que o cerca.” (JCMN)

A **pedra** é uma **figura constantemente explorada** nas obras de João Cabral e aparece no título de dois de seus livros: *Pedra do sono* (1942), sua única obra noturna e de forte tendência surrealista, que traz a oposição realidade x sonho; e *A educação pela pedra* (1966), em que a pedra evoca a dureza da realidade. O poeta propõe às pessoas um ideal de conduta: frequentar a escola da pedra para aprender a ser resistente como ela, a ser capaz de não se dissolver e de perdurar, apesar de toda a dor, dificuldade e sofrimento.



No Sertão a pedra não sabe lecionar, e, se lecionasse, não ensinaria nada; lá não se aprende a pedra: lá a pedra, uma pedra de nascença, entranha a alma.

– Trecho de *A educação pela pedra*





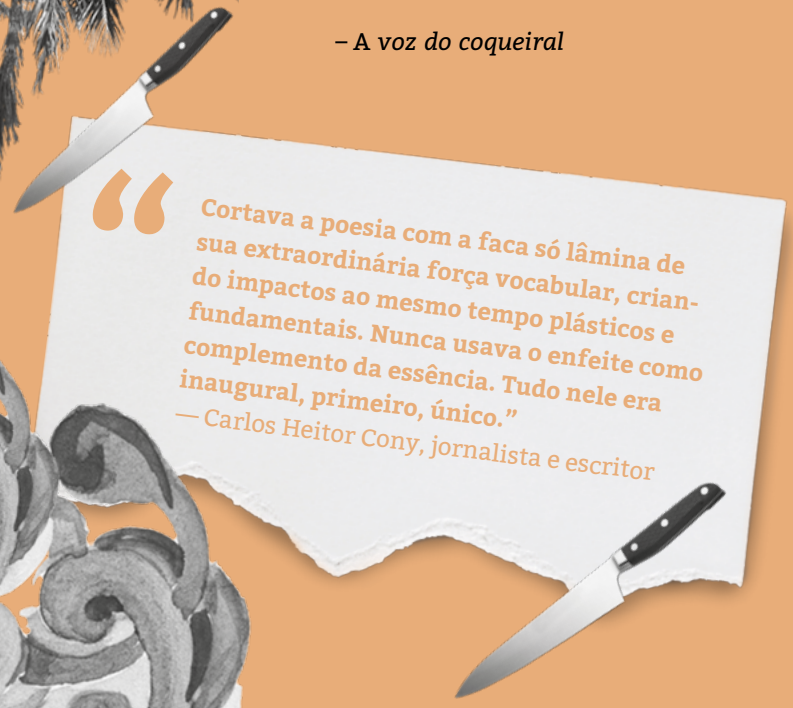
O coqueiral tem seu idioma:
não o de lâmina, é voz redonda:

é em curvas sua reza longa,
decerto aprendida das ondas,

cujo sotaque é o da sua fala,
côncava, curva, abaulada:

dicção do mar com que convive
na vida alísia do Recife.

– A voz do coqueiral



“Cortava a poesia com a faca só lâmina de sua extraordinária força vocabular, criando impactos ao mesmo tempo plásticos e fundamentais. Nunca usava o enfeite como complemento da essência. Tudo nele era inaugural, primeiro, único.”

— Carlos Heitor Cony, jornalista e escritor

Na obra de Cabral há um **predomínio de substantivos concretos** sobre os abstratos. Ele introduziu na poesia palavras que quase ninguém até então havia ousado usar, como cabra, urubu, galo, ovo de galinha, aranha e gasolina.

Ele considerava que, além de substantivos, também existiriam **adjetivos concretos**: por exemplo, “torto” e “áspero” seriam concretos, porque estão vinculados à nossa realidade sensorial, podemos perceber algo como curvo ou rugoso; enquanto “belo” e “inteligente” seriam abstratos, pois permaneciam na mesma zona de indeterminação de seus respectivos substantivos “beleza” e “inteligência”.

João Cabral **recusava** os três padrões que representam por excelência as **métricas predominantes da língua portuguesa**: a redondilha menor (versos de cinco sílabas poéticas), a redondilha maior (versos de sete sílabas poéticas) e o decassílabo (versos de dez sílabas poéticas). Ele se valia de versos de oito, nove, onze sílabas, ou então, se empregasse a redondilha, alternava a acentuação tônica na sequência dos versos. Eis a primeira estrofe de “Descoberta da literatura”:

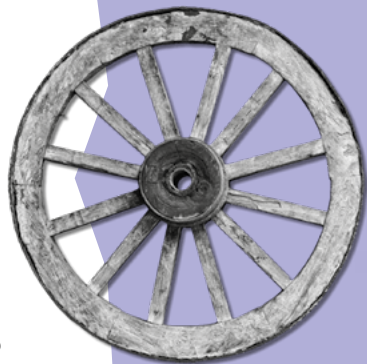
No / ^{2ª}di / a / ^{4ª}di / a / do en / ^{7ª}ge / nho
^{1ª}to / da a / se / ^{4ª}ma / na, / du / ^{7ª}ran / te,
co / chi / ^{3ª}cha / vam- / me em / se / ^{7ª}gre / do:
sa / ^{2ª}iu / um / ^{4ª}no / vo / ro / ^{7ª}man / ce”.

Respectivamente, além da sétima sílaba tônica de cada verso, no verso 1: 2ª e 4ª tônicas; no verso 2: 1ª e 4ª tônicas; no verso 3: 3ª tônica; no verso 4: 2ª e 4ª tônicas.

A partir de *O rio* (1953), o poeta passou a trabalhar **obsessivamente com a quadra** (estrofe de quatro versos). Quando optava pelo quatro, o poeta criava estruturas que lhe pareciam mais fechadas, estáveis e sólidas. No livro *Museu de tudo*, chegou a compor um poema dedicado ao número quatro. Para o poeta, a mesa era um objeto perfeito, pelos quatro pés, pelo equilíbrio e distribuição de seus pontos de apoio.

Às vezes um poema de Cabral se estende numa única e longa estrofe, aparentemente desvinculada ao número quatro. Mas, se contarmos o total de **versos**, chegaremos a **múltiplos de quatro**: 16, 32, 64...

Para João Cabral, o poema era entendido como **máquina de linguagem**, na qual cada elemento tinha uma função e cada palavra ou imagem só adquiria sentido na conexão que estabelecia com sua vizinhança e com o poema como um todo. A **sintaxe atravessa o poema, costurando-o** e garantindo a organização do tecido poético. Ele usa também a **sintaxe de imagens**: de uma metáfora-matriz, são desdobradas novas figuras de linguagem.



**O número quatro feito coisa
ou a coisa pelo quatro quadrada,
seja espaço, quadrúpede, mesa,
está racional em suas patas;
está plantada, à margem e acima
de tudo o que tentar abalá-la,
imóvel ao vento, terremotos,
no mar maré ou no mar ressaca.
Só o tempo, que ama o ímpar instável,
pode contra essa coisa ao passá-la:
mas a roda, criatura do tempo,
é uma coisa em quatro, desgastada.**

– O número quatro



O SUCESSO DE MORTE E VIDA SEVERINA

A obra *Morte e vida severina - Auto de Natal pernambucano*, de JCMN, sucesso extraordinário de público, foi editada em **1956** e já **ultrapassou 70 edições**. É um longo poema, bem conhecido pelos brasileiros.

Retrata a trajetória de um **retirante**, Severino, que deixa o sertão do Nordeste para buscar melhores condições de vida no litoral. Em seu percurso de **fome e seca**, encontra outros nordestinos tão sofridos como ele e assiste a situações frequentes de morte e de **injustiça social**; mas, apesar das provações, persiste em sua jornada, tentando sobreviver.

O nascimento de uma criança (o novo filho de Seu José, mestre carpina que faz Severino desistir de se suicidar nas águas do rio Capibaribe) simboliza que é tempo de Natal, tempo de **esperança**.



**E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.**

– Trecho de *Morte e vida severina*



— É tão belo como a soca
que o canavial multiplica.
— Belo porque é uma porta
abrindo-se em mais saídas.
— Belo como a última onda
que o fim do mar sempre adia.
— É tão belo como as ondas
em sua adição infinita.

— Trecho de *Morte e
vida severina*



É um texto **dramático** com alternância entre **monólogos e diálogos**. Estruturado em **dezoito cenas** (ou “partes” ou “quadros”), com versos, em sua maioria, redondilhas maiores (versos de sete sílabas poéticas), e fazendo menção à **cultura popular nordestina e à medieval ibérica**. O subtítulo “Auto” já remete à ideia de peça teatral de curta duração de conteúdo geralmente religioso e alegórico, escrito em versos.

O texto, de grande comunicabilidade, para ser lido “em voz alta”, foi representado no Brasil e no exterior, com **adaptações para teatro, cinema, televisão, teleteatro, quadrinhos e desenho animado**, entre outras expressões artísticas.

Mas o *Auto de Natal Pernambucano* revela apenas um aspecto da obra de João Cabral, e **não necessariamente o mais inovador**. Grande parte da obra cabralina é constituída por poemas mais complexos e reflexivos, que exigem leitura e releitura, através de um contato lento e silencioso com o texto.

Como explica Antonio Carlos Secchin: “É como se coexistissem dois poetas, um que alcança a graça do público e outro por ele quase ignorado. O leitor, porém, poderá sentir-se tão atraído por essa poesia supostamente ‘difícil’ quanto pela mais simples, ao descobrir que em ambas (...) a obra do poeta é clara (...). Tudo está ali, à flor da página, à flor do texto.”

“[Meus livros] eu os acho claríssimos. Poderia fazer de cada poema meu, sobretudo em *Psicologia da composição*, uma tradução em prosa.” (JCMN)

MORTE E VIDA CABRALINA

Com a morte de João Cabral de Melo Neto, a literatura brasileira perdeu, em 1999, seu escritor exemplar, o artista cuja produção, ao longo das últimas décadas, se alçou a um patamar de excelência raras vezes logrado em nossa poesia.

Autor de obra complexa, mas nunca divorciada de um afã de comunicabilidade, gostava de dizer-se um simples poeta pernambucano, renunciando voluntariamente ao título, atribuído pelo consenso da crítica, de grande poeta nacional. Pernambuco e também a Espanha foram, de fato, os territórios mais frequentados pelo verso e pelo afeto de Cabral, e ocupam o centro de alguns de seus textos mais marcantes, a exemplo de *Morte e vida severina* (1956) ou do derradeiro *Sevilha andando* (1990), duplo canto amoroso, à cidade e à mulher, a escritora Marly de Oliveira.

Ao longo de mais de meio século (estreou com *Pedra do sono*, de 1942), pode-se constatar, disseminada em 20 livros, a admirável e solitária coerência de seu percurso, avesso à tradição do confessionalismo e à retórica da exacerbação lírica. O mundo informe, noturno e difuso dos primeiros poemas foi logo substituído, e em definitivo, pela convocação de um espaço claro e solar, que se constituiria numa das marcas mais ostensivas de seu projeto poético. Daí, possivelmente, uma estranheza inicial por parte dos leitores acostumados a exigir da poesia uma “expressão de sentimentos”: a palavra cabralina, estrategicamente “distanciada” dos objetos que focaliza (e por isso tachada de “fria” por alguns), se reserva a missão de exibir o mundo não como caixa de ressonância dos dramas íntimos do poeta, mas como um espelho fixado sempre para o lado de fora, apto a reproduzir do outro sua inegociável alteridade.

Num mercado refratário à circulação da poesia, *Morte e vida severina* atingiu mais de 80 edições. Pouquíssimos textos terão sensibilizado tão intensamente o leitor brasileiro quanto este auto de Natal elaborado pelo poeta a partir de fontes populares ibéricas e nordestinas. E, aqui, cabe-nos registrar o diálogo de Cabral

com formas literárias em geral menosprezadas pela dita “alta literatura”. A incorporação do dramático e do narrativo, por exemplo, correspondeu a um gesto de voluntária quebra da “pureza” lírica, tão salvaguardada por numerosos contemporâneos da Geração de 45. Para ele, não existia o poético **a priori**: tudo podia tornar-se (ou não) poético no tecido global do poema. Daí a ênfase que concedia à estruturação minuciosa do texto, em detrimento dos rompantes descosidos de uma inspiração desordenada. A crescente e constante meditação sobre seu ofício acabou rendendo-lhe, inclusive, a fama de poeta excessivamente tributário da racionalidade (como se a inteligência fosse um componente dispensável ao artista). O próprio poeta reconhecia-se nesse juízo, que o desmarcava ainda mais da tradição romântico-simbolista.

Ao segmentar sua obra em dois blocos, o dos textos que exigiam concentração na leitura e o dos poemas de comunicação mais imediata (a que chamou de “em voz alta”), abriu uma chave interpretativa sedutora, mas nem por isso isenta de problematização, ao admitir, de certo modo, que se reservaria apenas ao leitor, digamos, especializado a fruição do primeiro bloco. Penso, ao contrário, que todo o movimento do poeta se traduzia num extremado esforço no sentido de **unir** complexidade e comunicação. Conforme observei em outro texto, a poesia de Cabral nunca desistiu de ser também a poesia do João.

Em *Agrestes* (1985), há uma seção inteira dedicada à morte (“A Indesejada das Gentes”). Tema cada vez mais recorrente em seus últimos livros, a invocação da “Indesejada das gentes” funcionaria como antídoto ou esconjuro da Visita irreversível.

Se, aos 79 anos, João Cabral muito fizera pela dignificação da literatura brasileira, agora pouco nos conforta o fato de tratar-se de um escritor com obra já em vida consagrada. Em poesia, toda morte é prematura.

— **Antonio Carlos Secchin**



NASCE UM POETA

Acordo imerso nesse sonho caótico, violento, que tento dominar e me submerge. Vejo o sol fora de mim, dentro é só escuridão, redemoinhos, destruição. Olho a casa em construção, quase pronta e vejo apenas a ruína que será um dia. Em volta de mim apenas esse mundo, tão diferente do que almejo.

Que mal é esse que me aflige, me possui e me controla, onde preciso lutar a cada minuto para manter o prumo, entre uma e outra fisgada dessa dor de cabeça que me dilacera?

Imagino um mundo onde as avenidas sejam largas e retas, onde o horizonte se sinta em casa, onde o silêncio exista. Afastar essas curvas e volutas barrocas, tão apreciadas por quem tem seu interior claro, conciso e aritmético, onde não existe a dor de vagar em dimensões irregulares, proporções e perspectivas distorcidas, que impede de pisar num chão plano sem o eterno medo de afundar num mundo sem base.

Viver num mundo dicionário, onde todas as palavras façam sentido, onde todas as coisas sejam definidas, até o indefinível. Um mundo com a estabilidade do número quatro. Um mundo onde linhas verticais não sejam imaginárias, onde horizontais não sejam retas apenas do ponto de vista de minha pequenez.

Vou criá-lo com palavras precisas, contadas, concisas e trazê-lo para trás de minhas pálpebras.

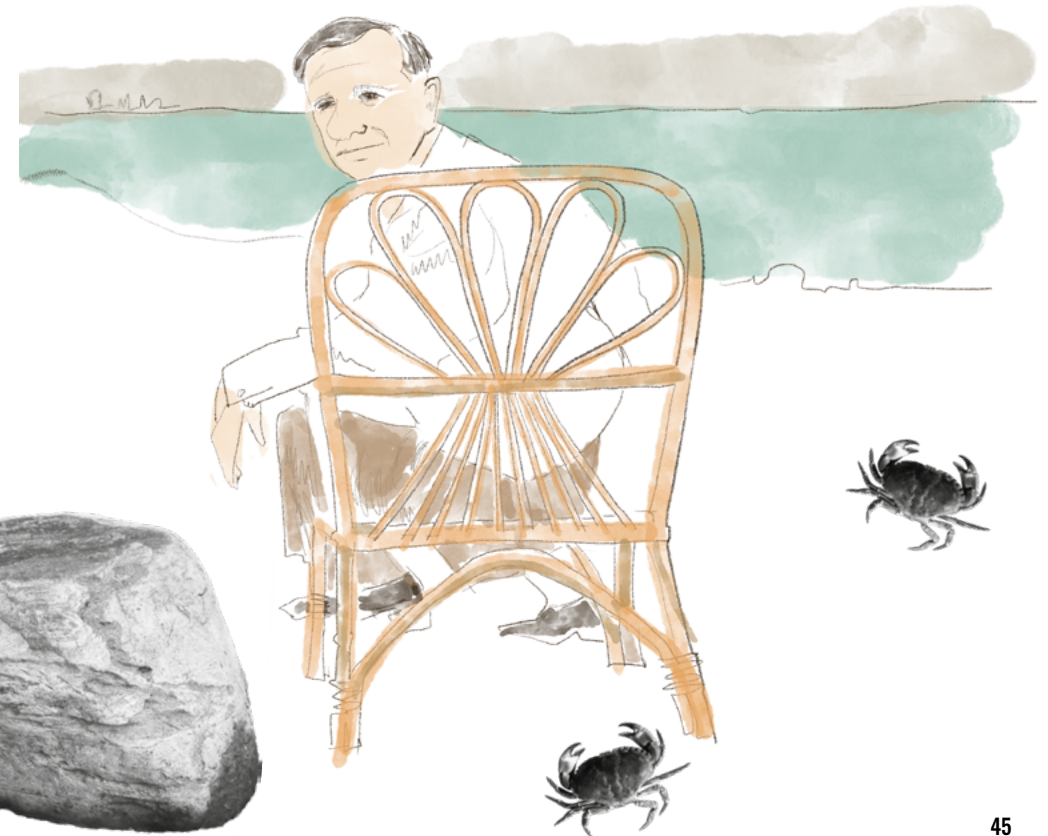
Vou ser poeta.

— Inez Cabral

“

Pela coerência inquebrantável de um projeto sistemático de obra, desenvolvido à contracorrente de modismos ou concessões, e que faz dele um caso ímpar entre os escritores brasileiros, João Cabral de Melo Neto representa, na poesia em língua portuguesa, a mais consequente conjugação de uma prática poética simultaneamente aberta à comunicação e a um elevado grau de elaboração e consciência formal.”

— Antonio Carlos Secchin, poeta e crítico literário



CRÉDITOS DAS IMAGENS

Página 6

Retrato de Mário de Andrade

Flickr – Arquivo Nacional

Página 7

Cartão-postal do antigo Café Lafayette, em Recife

Josebias Bandeira / Acervo Villa Digital - Fundação Joaquim Nabuco

Página 8

Retrato de Miró

Library of Congress, Prints & Photographs Division, Carl Van Vechten Collection, [reproduction number, e.g., LC-USZ62-54231]

João Cabral em cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras, 06/05/1969

Copyright by Manchete. Arquivo da Academia Brasileira de Letras / Arquivo João Cabral de Melo Neto

Página 9

João Cabral de Melo Neto em seu apartamento no Rio de Janeiro

Copyright by Manchete. Arquivo da Academia Brasileira de Letras / Arquivo João Cabral de Melo Neto

Página 10

Estátua de João Cabral em Recife

Foto: Jacqueline Cerino - @jackyefredfotografia

Página 16

Livro João Cabral de Melo Neto - Fotobiografia

Verso Brasil Editora / Coordenação geral: Valéria Lamego. Organização: Eucanaã Ferraz. Capa, projeto gráfico e diagramação: Beatriz Lamego. Pesquisa e textos: Valéria Lamego e Eucanaã Ferraz

Livro Cabral de Ponta a Ponta, de Antônio Carlos Secchin

Capa: Filipe Aca / Cepe Editora

Livro João Cabral de Melo Neto - Poesia Completa

Capa: Gustavo Soares / Editora Alfaguara

Página 17

Antônio Carlos Secchin

Foto: Fernando Rabelo

Página 18

Inez Cabral

Foto: Chico Cerchiaro

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PRESIDENTE

Arthur Lira (PP/AL)

1º VICE-PRESIDENTE

Marcelo Ramos (PL/AM)

2º VICE-PRESIDENTE

André de Paula (PSD/PE)

1º SECRETÁRIO

Luciano Bivar (PSL/PE)

2ª SECRETÁRIA

Marília Arraes (PT/PE)

3ª SECRETÁRIA

Rose Modesto (PSDB/MS)

4ª SECRETÁRIA

Rosângela Gomes (REPUBLICANOS/RJ)

SUPLENTES

Eduardo Bismarck (PDT/CE)

Gilberto Nascimento (PSC/SP)

Alexandre Leite (DEM/SP)

Cássio Andrade (PSB/PA)

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Acácio Favacho (PROS/AP)

SECRETÁRIO DE PARTICIPAÇÃO, INTERAÇÃO

E MÍDIAS DIGITAIS

Alex Santana (PDT/BA)

DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO

E MÍDIAS DIGITAIS

Luís Otávio Veríssimo Teixeira

COORDENAÇÃO DE EVENTOS, CERIMONIAL

E CULTURA

Frederico Fonseca de Almeida

COORDENAÇÃO DO PROJETO

CENTRO CULTURAL CÂMARA DOS DEPUTADOS

Isabel Flecha de Lima

Clauder Diniz

CURADORIA

Maria Amélia Elói

PRODUÇÃO

Fabíola Ferigato

ASSESSORIA DE CONTEÚDO

Antonio Carlos Secchin

PROJETO GRÁFICO

Clara Iwanow

Luanda Pacheco da Silva

AQUARELAS

Isabel Flecha de Lima

FOTOS

Jacqueline Cerino

MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA

EXPOSIÇÃO

André Ventorim

Edson Caetano

Paulo Titula

Wendel Fontenele

MATERIAL GRÁFICO

Coordenação de Serviços Gráficos -

CGRAF/DEAPA

AGRADECIMENTOS

Antonio Carlos Secchin

Inez Cabral

Maria Oliveira (Arquivo da Academia Brasileira de Letras)

Valéria Lamego (Verso Brasil Editora)

Diogo Guedes (Cepe Editora)

Stéfane Quezado (Cepe Editora)

Daniela Duarte (Companhia das Letras)

Erica Fujito (Companhia das Letras)

Jacqueline Cerino

Biblioteca da Câmara dos Deputados

Exposição realizada no Corredor Tereza de Benguela, Câmara dos Deputados, Brasília DF, de 29 de junho a 6 de agosto de 2021.

CONTATO DA CURADORA

Maria Amélia Elói
amelia.eloi@camara.leg.br

Informações: 0800 0 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Anexo 1 – Sala 1601 –
CEP 70160-900 – Brasília/DF
www.camara.leg.br/centrocultural

Brasília, outubro de 2021.

Este catálogo foi impresso em AP 180g/m² (miolo) e papel reciclado 240g/m² (capa).





Coordenação de
Centro Cultural Cerimonial,
Eventos e Cultura

Diretoria Executiva de
Comunicação e
Mídias Digitais

